

A SUPOSTA INDEXICALIDADE DOS DESIGNADORES DE ESPÉCIES NATURAIS SEGUNDO BURGE

César Schirmer dos Santos (UFRGS)

cesarschirmer@gmail.com

Resumo: Nos anos 1970s, Hilary Putnam defendeu a tese que designadores de espécies naturais, como “água”, “tigre” e “ouro”, são termos indexicais que mudam de significado a cada contexto. No entanto, Tyler Burge rejeitou essa tese, e Putnam veio a adotar a posição de Burge. A rejeição de Burge está apoiada na distinção entre crenças *de dicto* e crenças *de re*. Nesse artigo veremos os pontos de contato entre as posições de Putnam e Burge, a posição de Putnam nos anos 1970s, os principais argumentos de Burge contra a tese da indexicalidade dos designadores de espécies naturais e a diferença entre crenças *de dicto* e crenças *de re*.

Palavras-chaves: externismo; significado; referência; indexicalidade.

Nesse texto veremos por que Burge (2007d) rejeita a teoria defendida por Putnam (1986b) que termos designadores de espécies naturais, como, por exemplo, “água”, são dêiticos. Esse é um dos pontos que separava o externismo sobre o significado de Putnam do antiindividualismo de Burge (2007b), tendo sido superado após a aceitação do ponto de Burge por Putnam (1996).

O texto tem quatro partes. Na primeira, apresento as razões de Putnam para dizer que termos como “água” são dêiticos. Na segunda, apresento pontos de proximidade e de distância entre Putnam e Burge. Na terceira, apresento os argumentos de Burge para rejeitar a posição de Putnam. Na quarta, apresento o tratamento de frases contendo designadores de espécies naturais, como “água” ou “tigre”, como frases *de dicto*.

A INDEXICALIDADE DOS DESIGNADORES DE ESPÉCIES NATURAIS SEGUNDO PUTNAM

Segundo Putnam (1986b), podemos fixar a referência de um designador de espécie natural, como “água”, de duas maneiras. A primeira é através do uso de descrições. Por essa via, o que chamamos de “água” poderia ser definido como aquilo que corre nos rios da Terra, que sai das torneiras das nossas casas, que preenche as piscinas, que separa os continentes, que é composto de dois átomos de hidrogênio e um átomo de oxigênio, que ao nível do mar e sob certa pressão congela a 0° Celsius e ebule a 100° Celsius. Aquilo que se comportasse segundo essas descrições (talvez não todas, mas uma boa parte) seria o tipo de coisa chamado de “água”.

A outra maneira de fixar a referência de um designador de espécie natural, como “água”, é através de uma definição ostensiva, como, por exemplo, proferindo e apontando para uma amostra:

(1) Isto (este líquido) é água.

Onde o dêitico “isto” precisa ser compreendido como se aplicando a alguma coisa, no caso uma amostra do tipo de líquido que é chamado de “água”. Segundo essa maneira osten-

siva de fixar a referência do termo “água”, água é aquilo que tem certa relação de identidade-de-essência com o que é referido por “isto” no mundo atual durante o proferimento-e-apontamento (1). Nesse modo ostensivo de fixar a referência do designador “água”, é preciso indicar ou apontar para a espécie de coisa que está sendo nomeada. Em (1), a amostra que está sendo apontada está na extensão do marcador implícito ou explícito “líquido”, termo mais geral do que “água”, que inclui tipos de coisas (espécies naturais e artificiais) que não são água, mas que são semelhantes, como o gim, a vodka, o alvejante, o soro fisiológico e outros líquidos transparentes. Nesse segundo modo de fixação da referência de um designador de espécie natural, as outras amostras que têm uma relação de identidade de essência com o líquido apontado (“isto”) são definidas como “água”. Assim, se outro líquido, em algum outro tempo e lugar, for da mesma espécie que o líquido batizado como “água” em (1), esse líquido é água.

Putnam diz que o termo “água” é um designador rígido, isto é, que “água” é um termo que designa o mesmo tipo de coisa em todos os mundos possíveis (KRIPKE 1980, p. 48). O mesmo, segundo Putnam, vale para o demonstrativo “isto” em (1). O tipo de coisa que é designado pela ocorrência de “isto” em (1) é também designado pelas outras ocorrências que designem o mesmo tipo de coisa em todos os mundos possíveis. Para algo ser designado por “água” em uma situação contrafactual, não é preciso que essa coisa seja apresentada segundo suas propriedades ou qualidades, tal como se daria na fixação da referência através de descrições, pois, segundo essa maneira ostensiva de fixar a referência de um designador como “água”, algo é designado por “água” se, e somente se, designa o mesmo tipo de coisa que foi batizada como “água”.

Assim, o que é chamado de “água” na Terra Gêmea de Putnam não é água. Afinal de contas, aquilo que nós falantes do português chamamos de “água” é H_2O , e aquilo que os habitantes da Terra Gêmea chamam de “água”, na sua língua, é XYZ. Não há água na Terra Gêmea. Putnam diz, então, que “água”, assim como outros designadores de espécies naturais, é um dêitico, pois tem uma extensão que muda de contexto para contexto ou de ocorrência para ocorrência, assim como o dêitico “eu”, ou “agora”. Quando um terráqueo falante do português usa a palavra “água”, a extensão do termo é o tipo de coisa (a espécie natural) designada pelo termo na Terra, enquanto no uso “gêmeo” a extensão é outro tipo de coisa, XYZ. Em um contexto, a Terra, “água” designaria a espécie de fórmula H_2O ; noutro contexto, a Terra Gêmea, “água” designaria XYZ.

PUTNAM E BURGE: DISTÂNCIA E PROXIMIDADE

Como veremos, Burge rejeita a tese de Putnam que designadores de espécies naturais, como “água”, são dêiticos. Há, no entanto, uma grande proximidade entre algumas idéias de Putnam e outras de Burge. Ambos são considerados, respectivamente, fundadores do externismo (*externalism*) sobre o significado de nomes comuns e do antiindividualismo sobre a natureza do conteúdo mental. São duas teorias bem diversas quanto ao objeto específico, mas próximas na metodologia e no campo geral de investigação, a intencionalidade.

O objeto de estudo de Putnam é o significado. Ele pretende mostrar que a teoria verificacionista do significado está errada, pois, segundo ele (PUTNAM 1986a, p. x), não é o caso que uma mera mudança teórica acarrete a mudança de significado de um termo que ocorre na teoria. Burge, por sua vez, tem como objeto de estudo os estados e eventos mentais representativos, ou intencionais. Ele mostra que as teorias que pre-

tendem identificar estados e eventos mentais representativos, desconsiderando o ambiente social ou natural além do corpo do indivíduo que está em tais estados, ou no qual ocorrem tais eventos, teorias que ele chama de individualistas, não podem estar certas; isso o leva a propor o antiindividualismo (BURGE 2007c).

Apesar da diferença quanto ao objeto específico, Putnam e Burge partilham uma visão relacional da mente que destaca o papel dos vínculos entre a mesma e o ambiente na sua constituição, e também o emprego da metodologia dos experimentos mentais ao estilo da Terra Gêmea. Burge (2007c) falou mais do que Putnam sobre essa metodologia, mas o que ele disse vale para os usos de ambos os filósofos. Para Burge, o próprio dos experimentos mentais ao estilo da Terra Gêmea é tratar de uma tese ou problema filosófico a partir de um caso específico. Tal foco inicial em um caso específico, ao invés de uma tese ou princípio geral, tem como vantagens (1) evitar problemas inerentes a discussões de princípios gerais que não têm aplicação e (2) abrir caminho para o estabelecimento de princípios gerais que tenham aplicação conhecida.

Além de partilharem um método, Putnam e Burge estão tratando do mesmo campo geral de investigação, pois a semântica e a teoria dos estados e eventos mentais intencionais tratam da representação. Burge (2007c) chama a atenção para esse ponto, e diz que Putnam poderia ter generalizado seu ponto sobre o significado para a filosofia da mente em geral.¹

BURGE: “ÁGUA” NÃO É UM DÊITICO

Em “Other Bodies”, Burge analisa o experimento mental da Terra Gêmea, proposto por Putnam em “The Meaning of ‘Meaning’”. Seu objetivo é deixar claro qual é, em sua opinião, a conclusão desse experimento, e também estabelecer a distân-

cia entre esse experimento e seu experimento mental de “Individualism and the Mental”. Burge considera tais esclarecimentos necessários porque, a seu ver, a proposta da indexicalidade dos designadores de espécies naturais é um dos aspectos da discussão do experimento mental de Putnam obscurecem a boa conclusão a ser destacada do experimento mental da Terra Gêmea.

O principal aspecto criticado por Burge é a afirmação de Putnam que designadores de espécies naturais, como “água”, são dêiticos, da mesma maneira que os designadores “eu” e “isto” são dêiticos. Se assim fosse, o uso correto que cada um faz do termo “água” poderia envolver mudanças radicais na referência, a cada ocorrência do termo no discurso. Seria como o que ocorre quando alguém (qualquer um) diz:

(2) Eu ...

Alguém que profere (2) está usando a palavra “eu” e referindo-se a si mesmo com essa. Mas, se outro alguém estivesse proferindo (2), esse alguém estaria referindo-se a si mesmo com a palavra “eu”, não à pessoa que proferiu (2) antes, nem a alguma outra pessoa. Isso ocorre porque um indexical como “eu” muda de referência a cada contexto, a cada vez referindo-se ao falante que o emprega (KAPLAN 1989).

Isso, contudo, não é aceito por Burge (2007a) para designadores de espécies naturais, pois, segundo ele, a identidade de ocorrências de um dêitico é diferente da identidade de ocorrências de um designador que usualmente tratamos como não-indexical, como é o caso dos nomes próprios. Para Burge, “isto = isto” não funciona da mesma maneira que “Cícero = Cícero” ou “água = água”. Usualmente, consideramos que a referência de um nome próprio ou de um designador de espé-

cie natural não varia de contexto a contexto. Mas dêiticos, como “isto”, ou “agora”, têm como característica a variação da referência a cada contexto, de modo que a relação de uma ocorrência de um dêitico com outra ocorrência do mesmo dêitico não é, necessariamente, em uma relação de identidade.

O pronome pessoal “Eu” é um dêitico, isto é, um designador que muda de referência a cada contexto. Cada um que profere (2) está se referindo a si mesmo, um alguém diferente daquele alguém ao qual os outros se referem ao proferir (2). Para Burge, dêiticos são variedades dos elementos representacionais contextuais ou *de re*, os quais se opõem aos elementos não-contextuais ou não-*de re*, os quais Burge considera como elementos conceituais ou *de dicto*.² Em casos onde há dêiticos ou elementos *de re* em um ato de fala, a referência de tais dêiticos e elementos varia de contexto a contexto. Por exemplo, se alguém diz, apontando para uma maçã em bom estado:

(2') Esta maçã está boa.

A referência de “esta maçã”, um elemento *de re*, é dada pelo contexto do proferimento. Caso, em outro contexto, alguém proferisse (2') apontando para uma maçã bichada, a referência de “esta maçã” seria esta maçã bichada (BURGE 2007d, p. 82-83). Ou seja, havendo elementos *de re* (dêiticos inclusos) em um estado ou evento mental, a referência de tais elementos é dada contextualmente, e estamos discutindo tal ponto porque Putnam propõe que designadores de espécies naturais, como “água”, são dêiticos, isto é, têm uma referência diferente a cada contexto.

Para dar conta do modo como Putnam compreende a tese que designadores de espécies naturais são dêiticos, (1) poderia ser parafraseada de duas maneiras:

(1') Isto_{de re} é água.

(1'') Isto é água_{de re}.

Putnam mesmo apresenta (1'), e (1'') é sugerida. De acordo com a interpretação de Putnam, tomando designadores de espécies naturais por dêiticos, essas frases são abertas, isto é, essas frases têm sua verdade ou falsidade determinada por uma aplicação ou interpretação em um contexto particular.³ Frases puramente *de dicto*, por sua vez, são fechadas, isto é, são totalmente livres de elementos indexicais.⁴ Todavia, segundo a visão de Putnam, a frase abaixo tem um elemento indexical:

(3) A água é uma substância transparente.

O elemento indexical dessa frase é o designador “água”, pois Putnam (1986b) defende que designadores de espécies naturais são dêiticos. Putnam está dizendo que, ao pensar ou proferir (3), o sujeito está em uma relação contextual, não puramente conceitual, com certo tipo de objeto, a espécie natural água.⁵ Segundo o experimento mental de Putnam, quando o terráqueo Adão pensa ou diz (3), ele está dizendo algo sobre certa substância que se encontra no seu ambiente, e quando seu duplo na Terra Gêmea pensa ou diz (3), ele está dizendo algo sobre certa substância que se encontra no seu respectivo ambiente.

Burge reconhece que, caso a imagem proposta por Putnam estivesse correta, a separação entre as características das atitudes proposicionais (isto é, dos estados e eventos mentais representativos atribuídos ou atribuíveis) que derivam da natureza do indivíduo das características que são efeitos do ambiente sobre a mente seria uma tarefa fácil de ser conduzida. Todavia, ele não crê que a coisa seja assim tão simples, e um dos

motivos para sua discordância em relação a Putnam é a tese putnamiana da indexicalidade de designadores de espécies naturais.

Para Burge, “água” não é um dêitico, em nenhum sentido apropriado do termo. Dêitico é uma palavra cuja extensão muda de contexto a contexto, mas a palavra “água”, tal como a usamos em português, não muda de extensão a cada contexto. “Água” seria um dêitico se não mantivéssemos as construções lingüísticas fixas, mas assim as mantemos; isto é, nossos designadores de espécies naturais (“água”, “ouro”, “limão”, “anta”, “ácido” etc.) não mudam de referência pela mera mudança de contexto, nem nossas palavras significam o que queremos que elas signifiquem. Para haver mudança referencial de um termo geral como “água”, seria preciso (i) que os usuários do termo estivessem expostos a algo que até então não estava na extensão de “água”, e (ii) que eles tenham a intenção de usar “água” como designador disso que antes não estava na extensão do termo.⁶ No caso de alguém que é transportado sem tomar notícia da Terra para a Terra Gêmea, haveria tal mudança no idioleto do indivíduo transportado, caso ele permanecesse na Terra Gêmea e tivesse a intenção de falar como os gêmeo-terráqueos; isto é, se ele deixasse de falar português e passasse a falar português “gêmeo”, uma língua diferente do português. Mas, caso esse indivíduo fosse transportado sem notar de volta à Terra, encontraria os falantes do português ainda usando “água” para se referir a amostras de H₂O, ainda que, no seu idioleto, “água” designasse amostras de H₂O e amostras de XYZ, pois seu conceito teria se expandido após os transportes de um ambiente a outro. Ou seja, a referência de “água” teria se mantido fixa na língua portuguesa, apesar da mudança referencial no idioleto do sujeito trazido de volta à Terra. Nesse caso, “á-

gua” só significaria em português o que significa no idioleto do indivíduo transportado se ele fosse Humpty Dumpty:

“Quando uso uma palavra”, Humpty Dumpty disse, em tom desdenhoso, “ela significa apenas o que escolho que ela signifique – nem mais nem menos”. “A questão é”, disse Alice, “se você pode fazer as palavras significarem tantas coisas diferentes”. “A questão é”, disse Humpty Dumpty, “quem é o mestre – isso é tudo”. (CARROLL 1963, p. 269)

Humpty Dumpty considera-se o mestre da sua língua, ou idioleto, sendo a “maestria” o poder de determinar o significado de cada palavra que ele utiliza. Mas podemos estipular que nosso indivíduo transportado da Terra para a Terra Gêmea e depois trazido de volta considera-se um usuário normal do português, isto é,

- alguém que participa de uma instituição objetiva, e por isso falível e corrigível, e não de uma instituição subjetiva, e por isso infalível e incorrigível;
- alguém que adquiriu as palavras que designam espécies naturais de modo a usá-las para designar tais espécies, e que tenha tido sucesso no passado no emprego de tais palavras; e
- alguém que já tenha tido pensamentos e formulado frases verdadeiras com tais palavras.

Ora, se supomos que o indivíduo é um falante competente do português e competente especificamente no uso da palavra “água”, já tendo empregado-a com sucesso no passado, temos de concluir que tal competência e tal sucesso decorram do seu uso de “água” para falar daquilo que se chama de “água” em português e que tal procedimento se mantenha fixo de contexto a contexto. Caso contrário, não haveria como explicar a objetividade, aquisição e verdade das construções linguísticas do português, incluindo a referência da palavra “água”.

Ou talvez se pudesse dizer, como recurso desesperado, que não há construções lingüísticas fixas, e que todo pensamento ou frase contendo um designador de espécie natural tem referência mutável a cada contexto, como ocorre com o pensamento “eu estou aqui agora”. Todavia, nesse caso todas as palavras seriam, trivialmente, dêiticos, e não haveria ganho algum em tratar um designador de espécie natural, como “água”, como um dêitico.

Todavia, Burge (2007e) rejeita que nomes e verbos sejam dêiticos. O significado desses tipos de palavras estando fixado na língua, também o estão seus referentes ou aplicações:

Sem explicação ou relativização contextual, podemos trivialmente, mas corretamente, estabelecer o alcance das suas aplicações: “tigre” aplica-se a tigres; “caminhada” aplica-se a instâncias do caminhar; e assim por diante. Contraste: “então” (“*then*”) aplica-se a então. Essa última explicação requer um contexto particular para fazer seu trabalho, uma aplicação particular, dependente-de-contexto de “então” a um momento saliente. A constância de aplicação de palavras não-indexicais, dentro de idioletos particulares, é uma característica do seu significado e da maneira como elas são entendidas pelos seus usuários. (BURGE 2007e, p. 283)

Ou seja, no caso de palavras não-indexicais, os significados não dependem da aplicação das mesmas a um contexto particular, nem mudam sistematicamente suas extensões de contexto a contexto. Podemos correta e trivialmente estabelecer o domínio de aplicação das palavras não-indexicais sem relativizá-las a contexto algum. Já as palavras indexicais, por sua vez, têm seu domínio de aplicação modificado a cada contexto. Os usuários dos termos não-dêiticos compreendem a constância do domínio dos objetos aos quais esses termos se aplicam como uma característica do seu significado. Além disso, as cren-

ças explicativas de uma pessoa sobre os referentes dos termos não-dêiticos que adquiriu e usa com sucesso nem sempre fixam seus referentes, nem seu significado. As palavras usadas e os conceitos mobilizados por um indivíduo têm referentes definidos mesmo que o indivíduo não possa discriminá-los tão bem quanto outras pessoas do seu grupo lingüístico, como Burge (2007b) mostra com o exemplo sobre Bert:

- Bert sente dor na coxa, e crê que essa dor é ocasionada por artrite na coxa; ele diz: “estou com *artrite* na coxa”;
- Bert não inventou um novo termo ou conceito, nem estabeleceu uma nova referência para “artrite”;
- mas, artrite é um mal que ocorre nas juntas, e não em partes do corpo como a coxa;
- logo, o que Bert tem na coxa não é artrite;
- no entanto, apesar da sua crença equivocada, Bert não deixou de usar a palavra “artrite”, na concepção usual da mesma, pois (i) ele adquiriu a palavra normalmente, (ii) ele mobilizou-a com sucesso no passado, e (iii) nada na sua experiência passada o inclinou seja a crer, seja a não crer que artrite pode ocorrer na coxa;
- Bert tem uma crença falsa sobre artrite, mas a palavra mobilizada, “artrite”, é a mesma das suas crenças verdadeiras sobre artrite;
- poderia ser o caso, em uma situação contrafactual, de Bert (i) ser um membro de outra sociedade, onde, tudo o mais mantendo-se o mesmo em relação à sua sociedade atual; (ii) que ele houvesse adquirido uma palavra homófona a “artrite” que se aplicasse corretamente a inflamações na coxa e nas juntas, caracterizando uma doença que chamaremos (na nossa língua) de “tartrite”; (iii) que ele houvesse aplicado com sucesso tal palavra no passado; (iv) que nada houvesse inclinado-o seja a crer, seja a

não crer que essa doença diferente de artrite (heterologia) mas homóloga a “artrite” possa atingir a coxa; e (v) que ele acreditasse que está com essa doença diferente do que nós chamamos de “artrite” (mas que os membros dessa outra sociedade chamam de “artrite”) na coxa, sendo que seu estado físico é o mesmo, ao ter tal crença, da situação atual descrita acima;

- nessa situação contrafactual, a crença de Bert que ele tem tartrite (chamada de “artrite” na outra sociedade) na coxa seria verdadeira;

- porém, ainda que a situação de aplicação (um caso de dor na coxa) seja fisicamente a mesma na situação atual e na situação contrafactual, a crença atual de ter artrite na coxa e a crença contrafactual de ter tartrite na coxa envolvem palavras homófonas, mas não envolvem a mesma palavra (falha na homologia), pois artrite e tartrite são doenças distintas.

CRENÇA *DE DICTO*

Putnam apresenta três argumentos como fundamentos para sua afirmação que designadores de espécies naturais, como “água”, são dêiticos. Primeiro, ele diz que água é aquilo que tem uma relação de similaridade com a água ao nosso redor; tal relação de similaridade é a relação de identidade de espécie. Segundo, ele diz que água em outro tempo ou em outro lugar deve ter uma relação de identidade de espécie com a nossa água. Terceiro, ele diz que o ambiente em que estamos determina a extensão de “água”, H_2O ou XYZ. Para Burge (2007d), tais fundamentos parecem ser circulares, mas principalmente desconsideram que água, descontadas as impurezas, é simplesmente H_2O . Os dois primeiros argumentos desconsideram isso. Embora esteja fundada em crenças *de re* oriundas

de investigações empíricas, a crença que água é H_2O pode ser corretamente descrita como uma crença *de dicto*. As crenças *de re* são anteriores às crenças *de dicto* na ordem do aprendizado,⁷ e são pressupostas por essas, mas isso não significa que toda crença *de dicto* seja redutível a uma crença *de re* ou contenha elementos *de re*. Assim, segundo Burge, a crença de que

(4) água é H_2O

pode ser corretamente interpretada como:

(4') água_{de dicto} é H_2O ,

pois a interpretação de (4) não requer que se considere elemento contextual algum. Assim, através de um exemplo como (4), Burge mostra que não é preciso caracterizar um designador de espécie natural, como “água”, como um dêitico, pois (4), onde encontramos o conceito de água, é uma proposição fechada, cujo valor de verdade não muda a cada contexto, ao contrário do que ocorre com proposições abertas, onde ocorrem dêiticos e o valor de verdade pode alterar-se a cada contexto (BURGE 2007a).

É de se notar que o “gêmeo” de Adão, sujeito que nunca deixou a Terra Gêmea, não poderia acreditar em (4), pois não dispõe da palavra terráquea “água”, embora disponha do homófono “água”. Por estipulação, o Adão “gêmeo” não adquiriu a palavra “água”. Ele poderia ter uma crença foneticamente indistinguível daquela expressa em (4), mas não poderia crer em (4) sem adquirir a palavra terráquea “água”. Sua crença foneticamente indistinguível diria que água-gêmea, aquilo que ele chama de “água”, tem a fórmula química H_2O . Seria uma

crença falsa, pois água-gêmea não é água, tendo outra fórmula, XYZ, sobre uma coisa diferente de água, a água-gêmea.

CONCLUSÃO

Designadores de espécies naturais, como “água”, não mudam de extensão a cada ambiente. Não é o caso que a mesma palavra, “água”, designa amostras de H_2O na Terra e amostras de XYZ na Terra Gêmea. Água é H_2O , e “água” designa água. O português da Terra e a língua muito parecida da Terra Gêmea são dois idiomas distintos, assim como as comunidades de falantes dessas duas línguas são distintas. Não se trata de haver uma única palavra (“água”) com diferentes extensões em diferentes sociedades, mas de haver duas palavras distintas. Se “água” fosse um dêitico, a afirmação:

(5) Estou bebendo água

seria verdadeira quando dita por um terráqueo inadvertidamente transportado minutos atrás para a Terra Gêmea. Mas, esse não é o caso. Esse falante não usa “água” para se referir a amostras de H_2O , e seria extravagante supor que o mero fato dele estar na Terra fizesse o termo “água” da sua língua passar a dizer respeito a amostras de H_2O . E, simetricamente, “água” não deixa de ter como extensão amostras de H_2O só porque o sujeito que pensa mudou de endereço alguns minutos atrás. Tal suposição seria infundada. Se (i) um indivíduo mudou de ambiente faz pouco tempo e (ii) ele ainda não usou com sucesso várias vezes a palavra que adquiriu na nova sociedade após a mudança referencial (BERGER 2002), não há por que dizer que alguma palavra que ele possuía deixou de ter a extensão que tinha antes da mudança de ambiente.

Burge (2007d) afirma que há um grão de verdade na afirmação que designadores de espécies naturais, como “água”, são dêiticos, pois crenças *de re* entram na fixação da referência de tais designadores. É preciso uma relação semântica entre o termo “água” e a coisa-água para que o termo designe a espécie natural água, e a relação com amostras da coisa-água é fundamental para que esse designador de espécie natural tenha a referência que tem. Porém, tratar tais termos como dêiticos obscurece o fato que Adão e seu gêmeo representam tipos de coisas diferentes através de palavras diferentes que têm, cada uma, uma extensão constante, invariável de contexto a contexto. Assim, não é correto dizer que uma mesma palavra tem diferentes extensões em diferentes ambientes, a Terra e a Terra Gêmea. Não há água na Terra Gêmea, e Adão “gêmeo” não dispõe da palavra “água” do português da Terra; quanto ao Adão terráqueo, ele não adquiriu a palavra que se aplica corretamente a água-gêmea na Terra, e precisaria passar um bom tempo na Terra Gêmea para adquirir tal palavra após fixar-se por lá. Ou seja, as palavras “água” de Adão e do seu “gêmeo” são distintas.

A boa conclusão que Burge quer extrair do experimento mental de Putnam é que os significados das palavras são afetados pelo ambiente. Putnam erra em um detalhe, ao supor que os “estados psicológicos” de Adão e do seu “gêmeo” são os mesmos, e que nos experimentos mentais haveria uma única palavra “água” (ou “tigre”, “ácido”, “ouro” etc.) que mudaria de significado a cada contexto, como ocorre com os indexicais. Para Burge (2007d), a causa desse erro é a suposição equivocada que é fácil separar os tipos de estados mentais dos aspectos do ambiente representados pelos mesmos.

Abstract: In the 1970s, Hilary Putnam defended the thesis that natural kinds designators, words such as “water”, “tiger” and “gold”, are indexi-

cals, because their meaning change in each context. However, Tyler Burge rejected this argument, and Putnam came to adopt his position. The rejection of Burge is supported by the distinction between beliefs *de re* and beliefs *de dicto*. In this article we will see the points of contact between the positions of Putnam and Burge, the position of Putnam in 1970s, the main points of Burge's argument against the indexicality of natural kinds names, and the difference between beliefs *de re* and beliefs *de dicto*.

Keywords: externalism, meaning, reference, indexicality.

NOTAS

- 1 Posteriormente, Putnam concordou com Burge: “É claro, negar que os significados estão na cabeça deve ter consequências para a filosofia da mente, mas quando escrevi essas palavras [de “The Meaning of ‘Meaning’”] eu estava inseguro quanto a exatamente quais eram essas consequências” (PUTNAM 1996, p. xvii).
- 2 “As atitudes de dicto (às vezes [chamadas de] ‘atitudes nocionais’) são aquelas que não são de re” (BURGE 2007a, p. 82, nº. 1).
- 3 “Mais geralmente, atribuições puramente de dicto fazem referência a proposições completas – entidades cuja verdade ou falsidade é determinada sem ser relativa a uma aplicação ou interpretação em um contexto particular. Locuções de re são sobre predicação, amplamente concedida. Elas descrevem uma relação entre sentenças abertas (ou o que elas expressam) e objetos” (BURGE 2007a, p. 48).
- 4 “Para ser puramente de dicto uma atitude deve ser apropriadamente expressa [...] por uma sentença fechada, livre de qualquer elemento indexical” (BURGE 2007a, p. 53).

- 5 “Uma crença de re é uma crença cuja imputação correta coloca o crente em uma relação apropriada não-conceitual, contextual aos objetos dos quais é crença” (BURGE 2007b, p. 51).
- 6 Esse tipo de mudança referencial de um designador de espécie pelo foco em amostras de algo de outra espécie é explicado em detalhes por Alan Berger (2002, cap. 2).
- 7 “É difícil de imaginar como se pode aprender uma língua sem estar exposto a sentenças cujo valor de verdade muda em períodos de tempo relativamente curtos” (BURGE 2007a, p. 51).

REFERÊNCIAS

BERGER, Alan. *Terms and Truth: Reference Direct and Anaphoric*. Cambridge (USA) e London: The MIT Press, 2002.

BURGE, Tyler. *Belief de Re*. In: _____. *Foundations of Mind: Philosophical Essays, Volume 2*. Oxford: Clarendon Press, 2007a, p. 44-64 (artigo publicado pela primeira vez em 1977).

_____. *Individualism and the Mental*. In: _____. *Foundations of Mind: Philosophical Essays, Volume 2*. Oxford: Clarendon Press, 2007b, p. 100-50 (artigo publicado pela primeira vez em 1979).

_____. *Introduction*. In: _____. *Foundations of Mind: Philosophical Essays, Volume 2*. Oxford: Clarendon Press, 2007c, p. 1-31.

_____. *Other Bodies*. In: _____. *Foundations of Mind: Philosophical Essays, Volume 2*. Oxford: Clarendon Press, 2007d, p. 82-99 (capítulo publicado pela primeira vez em 1982).

_____. *Wherein Is Language Social?*. In: _____. *Foundations of Mind: Philosophical Essays, Volume 2*. Oxford: Clarendon

Press, 2007e, p. 275-90 (artigo publicado pela primeira vez em 1989).

CARROLL, Lewis. *The Annotated Alice: With an Introduction and Notes by Martin Gardner*. Cleveland e New York: The World Publishing Company, 1963.

KAPLAN, David. Demonstratives: An Essay on the Semantics, Logic, Metaphysics, and Epistemology of Demonstratives and Other Indexicals. In: Joseph Almog, John Perry e Howard Wettstein (eds.). *Themes from Kaplan*. New York e Oxford: Oxford University Press, 1989 (artigo mimeografado em circulação desde 1977).

KRIPKE, Saul A. *Naming and Necessity*. Cambridge (USA): Harvard University Press, 1980 (artigo publicado pela primeira vez em 1972).

PUTNAM, Hilary. Introduction. In: _____. *Mind, Language and Reality: Philosophical Papers, Volume 2*. Cambridge (UK): Cambridge University Press, 1986a, pp. vii-xvii (introdução publicada pela primeira vez em 1975).

_____. Introduction. In: Andrew Pessin e Sanford Goldberg (eds.), *The Twin Earth Chronicles: Twenty Years of Reflection on Hilary Putnam's "The Meaning of 'Meaning'"*, pp. xv-xxii. New York: M.E. Sharpe, 1996.

_____. The Meaning of "Meaning". In: _____. *Mind, Language and Reality: Philosophical Papers, Volume 2*. Cambridge (UK): Cambridge University Press, 1986b, p. 215-71 (publicado originalmente em 1975).